

## **TRAÇANDO PERCURSOS INTERCULTURAIS PARA A COMPREENSÃO DO SER BRASILEIRO: O SABER, A MEMÓRIA, O LEGADO**

**Aparecida Regina Borges Sellan<sup>1</sup>**

PUC-SP

### **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo apresentar uma breve síntese das contribuições da professora Regina Célia Pagliuchi da Silveira para a área do ensino de língua portuguesa, sobretudo na perspectiva de língua estrangeira (PLE). Trata-se de uma tentativa de registrar, em poucas páginas, parte do muito que realizou no ensino e na pesquisa, ao identificar, no contexto que se desenhou especialmente na década de 1990, novas demandas, com novas exigências, colocando no cerne da pesquisa e do ensino de português para estrangeiros aspectos relacionados à identidade cultural e à perspectiva intercultural. Situamos brevemente o contexto em que considerações a respeito da pesquisa e do ensino de português língua estrangeira começaram a surgir na PUC-SP por orientações da professora Regina Célia, sintetizamos alguns conceitos relativos à identidade cultural e interculturalidade, registramos algumas pesquisas orientadas por ela as quais contribuíram para trazer uma visão sobre o brasileiro, como unidade, na grande diversidade cultural.

**Palavras-chave:** Ensino. Português Língua Estrangeira. Cultura. Identidade Cultural.

### **ABSTRACT**

This article aims to present a brief summary of the contributions of professor Regina Célia Pagliuchi da Silveira to the area of portuguese language teaching, especially from a foreign language (PLE) perspective. This is an attempt to record, in a few pages, part of what was accomplished in teaching and research, by identifying, in the context that was designed especially in the 1990s, new demands, with new requirements, placing at the heart of the research and teaching portuguese to foreigners aspects related to cultural identity and intercultural perspective. We briefly situate the context in which considerations regarding research and teaching portuguese as a foreign language began to emerge at PUC-SP following the guidance of professor Regina Célia, we summarize some concepts related to cultural identity and intercultural, we record some research guided by her which contributed to bringing a vision of brazilians, as a unit, in the great cultural diversity.

**Keywords:** Teaching. Portuguese as a Foreign Language. Culture. Cultural Identity.

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: borges@uol.com.br

## Considerações Iniciais

As mudanças teórico-metodológicas ocorrentes no ensino-aprendizagem de línguas nas últimas décadas do século XX, na passagem para o XXI, foram responsáveis por mudanças importantes na área do ensino de língua portuguesa. O foco prioritário para o ensino da língua portuguesa sempre esteve no ensino de língua materna e muito pouco, ou quase nada, se falava na sua modalidade de língua estrangeira. Entretanto, as mudanças ocorridas nos diferentes contextos sociais, nacionais e internacionais, colocaram sobre a língua portuguesa uma mirada diferenciada, voltada para a reflexão sobre interesses políticos, econômicos e culturais. No Brasil, tradicionalmente, o inglês, o francês e, posteriormente, o espanhol foram tratados como língua estrangeira; mas essa visão não chegava a atingir o português. Com mudanças nas políticas econômicas, resultantes dos acordos democráticos e de parcerias econômicas sucedidas por processos de globalização, a língua portuguesa modalidade brasileira passou a ser foco de interesse. Sabe-se que não apenas a cidade de São Paulo, bem como todo o Estado, pelo menos na última metade do século XX, se constituiu como um mercado muito produtivo, atraindo indústrias de capital estrangeiro, grupos investidores financeiros, entre outros, provocando a vinda de profissionais que, para atuarem no mercado interno, precisavam dominar a língua portuguesa. Do mesmo modo, na área acadêmica, também passou a ocorrer interesse por ensino e aprendizagem do Português brasileiro como língua estrangeira.

Nesse momento, fruto da astuta observação desse novo movimento de interesses sobre o ensino-aprendizado do português brasileiro como língua estrangeira, surgem as primeiras indagações a respeito do tema e as primeiras inquietações sobre o que é e como construir essa área tão específica e nova.

O tempo eram os anos finais de 1990; o local era a sala de reuniões do Instituto de Pesquisas Linguísticas “Sedes Sapientiae” para estudos do Português da PUC-SP; o olhar era da profa. Regina Célia Pagliuchi da Silveira. O grupo era composto por professores e alunos do curso de pós-graduação em Língua portuguesa da PUC-SP e outros pesquisadores que, aos poucos, foram se aproximando atraídos pela novidade e pela necessidade de preparo para atender à nova demanda. Assim, nasceu o Núcleo de Pesquisa Português-Língua Estrangeira - NUPPLE-IP/PUCSP- com o propósito de estimular o estudo e o desenvolvimento de pesquisas sobre PLE de maneira regular e contínua. (SILVEIRA, 1998, p. 08)

Neste momento inicial dos estudos do NUPPLE, as primeiras preocupações estiveram voltadas para o ensino-aprendizado formal da língua portuguesa para estrangeiros, cujos objetivos centrais visavam preparar e capacitar professores, no âmbito nacional e internacional, com formação específica, habilitando-os para ensinar a língua portuguesa a estrangeiros e facilitar a aprendizagem, oral e escrita, da língua portuguesa para falantes de outras línguas. Assim, a fim de cumprir esse objetivo mais geral, as atividades orientadas por Silveira, no NUPPLE, buscavam construir procedimentos e identificar instrumentos que favorecessem o planejamento de cursos regulares, de extensão e de pós-graduação; pesquisar métodos para experienciar a língua portuguesa como nova língua a ser aprendida; encontrar instrumentos confiáveis de avaliação de desenvolvimento e proficiência em língua portuguesa como língua estrangeira e/ou língua de interface; preparar material didático específico e adequado que possibilitasse a interação comunicativa, de modo a atender diferentes fins específicos do ensino da língua portuguesa para estrangeiros. Subjacente a esses objetivos mais específicos, estava a preocupação com a formação do professor especialista, uma vez que a concepção de base dessas orientações era que “ensinar português para falantes estrangeiros/de outras línguas é diferente de ensinar a língua para o nativos, razão pela qual faz-se necessário uma formação específica” (colhido na oralidade). Observa-se que, naquele momento, tratava-se de um grande desafio, uma vez que a tônica do ensino de língua portuguesa era voltada para a modalidade de língua materna; não havia, assim, tradição de língua estrangeira, sendo, pois, necessário formar o professor especialista e construir um terreno sadio para implantar um novo olhar: a língua portuguesa como língua estrangeira.

### **Primeiros passos para consolidar a área**

Em se tratando de uma área em construção, Silveira vislumbrou uma tarefa extensa e árdua para a qual buscou o intercâmbio de reflexões, de experiências e de resultados de pesquisa, pois

é necessário repensar o ensino tradicional de línguas e buscar uma reformulação teórica e metodológica que atenda às reais necessidades dos alunos e que possa propiciar diagnósticos de suas dificuldades de aquisição de uma nova língua, de forma a possibilitar encaminhamentos mais adequados (SILVEIRA, 1998, p.08)

Silveira reconhece contribuições da abordagem instrumental para o ensino de língua estrangeira numa perspectiva voltada para fins específicos, mas se opõe a esse modelo na medida em que está centrado na unidisciplinaridade, e a língua é tratada pelo padrão gramatical normativo, com privilégio do ensino das regras gramaticais cujo modelo é o texto literário de prestígio. Os conteúdos, metodologicamente, são previamente preparados pelo professor de modo a adequar o aluno ideal a um modelo padrão, predeterminado.

De acordo com Silveira (1998), no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras, no Brasil, também essa sistematização formal foi seguida desde seu início, por exemplo, com a abertura das Faculdades de Letras. Nesse primeiro momento, a aprendizagem de línguas estrangeiras foi proposta no Brasil, entendida como a tradução dos “bons livros”, o conhecimento de regras gramaticais, a leitura e análise de textos literários. (p.09)

Entretanto, com a evolução dos estudos linguísticos e com o advento de novas metodologias, passou-se a verificar um redesenho contextual que passou a exigir uma reformulação tanto para o ensino de língua materna quanto língua estrangeira. Assim, passou-se a desenvolver habilidades necessárias não apenas de falante/ouvinte, mas também de escritor/leitor. Desse modo, as reflexões de Silveira levam a compreender que, ao se ensinar língua portuguesa para estrangeiros, faz-se necessário atender aos fins específicos que levam o aluno a buscar a aprender uma nova língua e às suas reais dificuldades de aprendizagem. Por essa razão, foi proposta uma reformulação teórica e metodológica para propor um ensino privilegiando a interação comunicativa, com um viés intercultural.

As orientações e as reflexões resultantes dos estudos, das pesquisas e das ações práticas desenvolvidas no NUPPLE sob o olhar de Silveira, ao longo de aproximadamente trinta anos, permitiu vislumbrar uma

reformulação metodológica visando um aluno, considerado sujeito e agente no processo de formação através da nova língua, buscando dar ênfase naquilo que o faz crescer como pessoa integral. A reformulação teórica objetiva a eficácia, efetivação e propriedade da interação comunicativa, o que exige uma visão teórica inter e multidisciplinar para que se possa desenvolver no aluno o conjunto de competências da linguagem, entendendo-as como um “saber-fazer” para o uso efetivo da nova língua, tais como a linguística, a cognitiva, a cultural, a social, a

ideológica, a pragmática, a textual e a discursiva. (SILVEIRA, 1998, p. 10)

Desse modo, a proposta de Silveira é relativa a uma abordagem comunicativo-interacional, em que o ensino aprendizagem de uma nova língua requer, não só conhecimento relativo ao seu sistema, mas outros relacionados à aquisição da oralidade e da escrita, tais como os atos de fala, os das condições de produção discursivas, os da organização textual, os dos usos de argumentos, os da seleção e emprego lexicais e os das visões socio-histórico-sociais.

Todos esses tipos de conhecimentos não podem ser considerados de forma estanque, isolados, pois o processo interacional é perpassado por questões identitárias e culturais. Para Silveira, segundo a visão intercultural,

entende-se que ensinar/aprender outra língua não é aculturar o aluno, na medida em que ele é levado a assimilar a cultura da língua-alvo, mas sim enriquecê-lo, pois ele é levado a ter consciência de suas identidades. Para tanto, é necessário que se realizem pesquisas sobre identidades do brasileiro a partir do uso efetivo da língua, com procedimentos inter e multidisciplinares. (1998, p. 11)

### **A base fundamental da perspectiva Intercultural**

Desde a criação do NUPPLE, Silveira se dedicou a desenvolver pesquisas que contribuíssem para fundar e fundamentar a área de ensino de língua portuguesa como língua estrangeira. A partir das primeiras discussões e das primeiras experiências no contato com alunos estrangeiros que procuravam o NUPPLE para aprenderem o português, Silveira passou a pesquisar e a formalizar seus estudos para a compreensão de aspectos relativos à identidade cultural do brasileiro, por uma perspectiva interculturalista. De acordo com a estudiosa, era uma tentativa de identificar/demonstrar “uma unidade na diversidade cultural do Brasil”. (p.17).

Para a pesquisadora, ensinar língua para estrangeiros é ensinar uma outra língua e a cultura de seus falantes. Parte do pressuposto de que a língua é o código social de uma comunidade que implica visões políticas e culturais; e o discurso uma prática social em que a identidade nacional de grupos sociais está em interdiscursividade, como marco das cognições sociais. Para atuar por essa concepção, um professor de língua estrangeira – de português língua estrangeira –

precisa ter uma formação interculturalista para a interação comunicativa com seu aluno, a fim de ensiná-lo a experimentar uma outra cultura, sem aculturá-lo, de modo a fazê-lo internalizar as formas de pensamento e conduta da outra cultura, tendo consciência das suas. Pra experimentar outra cultura, é necessário que se identifique uma unidade cultural ideal, enquanto representações mentais persistentes, na diversidade cultural dos diferentes grupos sociais nativos da língua-alvo. (SILVEIRA, 1998, P. 18)

As preocupações de Silveira voltadas para questões sobre a identidade cultural surgem quando, ao examinar materiais disponíveis para o ensino de português língua estrangeira, percebe seu direcionamento voltado para metodologias de ensino, com contribuições importantes destacando a diferença entre ensinar língua para nativos e ensinar para estrangeiros, pois

os falantes nativos conhecem os marcos de cognição social e as práticas sociais do uso efetivo de sua língua; os falantes estrangeiros precisam adquiri-los, por experiências, para saber usar a língua-alvo que estão aprendendo por um ensino formal. (SILVEIRA, 1998, P. 19)

Com fundamento nessas observações, Silveira direciona suas pesquisas em busca de incorporar nas bases do ensino de língua portuguesa como língua estrangeira aspectos relativos à identidade cultural. Para tanto, faz-se necessário resgatar o conceito de identidade cultural e de cultura conforme discutiu e postulou ao longo de sua trajetória na pesquisa e nas orientações.

### **Identidade Cultural**

De acordo com Silveira, a concepção de identidade cultural é a de contemporaneidade, de percepção comum que os grupos sociais têm de estados de coisas do mundo, embora haja variedade/variações para cada grupo; é em relação a esta percepção comum que os grupos sociais encontram sua própria referência, ao mesmo tempo em que se encontra um espaço em que se configura uma imagem nacional do país. (1998, p. 18)

O princípio da alteridade está na essência de tal concepção, com base em Orlandi (1993) pois, para Silveira, a identidade cultural decorre do conhecimento do Outro, na medida em que o conhecimento do Eu se constrói a partir do processamento do conhecimento do Outro. Assim, os estudos de Silveira são pautados na concepção de

discurso como uma prática social que se dá na e pela interação comunicativa, na relação do EU com o Outro.

Silveira buscou construir, por diferentes meios e objetos, um mosaico que permitisse visualizar na diversidade uma unidade, que permitisse dizer “este é o brasileiro”. A pesquisadora sempre reconheceu haver uma grande complexidade para estabelecer uma imagem única desse povo em razão da grande expansão territorial, com uma diversidade cultural multifacetada, com influências variadas.

Assim, suas pesquisas estiveram voltadas para caracterizar, por uma aproximação, o “ser brasileiro”, identidades que permitam reconhecer o que é “ser brasileiro”, um pouco “disso e daquilo”. Para tanto, iniciou uma pesquisa em que coletou e analisou enunciados denominados por ela clichês, isto é, “ditos populares repetidos de geração a geração no Brasil, confrontando-os com os ocorrentes em Portugal”. (Silveira.1998, p.20).

Os resultados dessa pesquisa, que reuniu provérbios portugueses e brasileiros, confrontados com discursos sobre a história do Brasil, hinos e canções nacionais, por meio de marcas textuais, existentes em práticas sociais discursivas, relativos aos marcos de cognição sociais, indicaram que há um discurso fundador português marcado pelo eclesiástico, uma vez que

a catequese foi a opção portuguesa para justificar, politicamente, no momento dos seus descobrimentos, a sua colonização. Por essa razão, o discurso eclesiástico, também, chega a o Novo Mundo, instaurando aqui como discurso fundador. (Silveira, 1998, p.22)

A identificação desse discurso fundador, o eclesiástico, na relação entre os portugueses e os brasileiros, pôde ser demonstrado por alguns enunciados clichês, que trazem representados linguisticamente, por exemplo, a paciência, a perseverança, a moderação, a fé, o amor, a união, a confiança, entre outros. Alguns desses enunciados podem ser apresentados, a título de exemplificação, tais como: “devagar se vais ao longe”, de grão em grão a galinha enche o papo, quem tudo quer tudo perde, Deus é grande, Deus é pai, amai-vos uns aos outros, Deus escreve certo por linhas tortas, há males que vêm para o bem. (pp. 22-23)

Essa pesquisa possibilitou que Silveira identificasse perspectivas para o tratamento da identidade brasileira, na medida em que percebeu uma diversidade cultural

construída historicamente por inúmeras razões, porém muito marcada nas práticas sociais discursivas, com suas retóricas inovadoras e conservadoras, a fim de explicar o implícito cultural que marca o comportamento do brasileiro no uso efetivo do português brasileiro. (p. 35-36)

A partir dessa pesquisa, Silveira confirmou a necessidade de novas pesquisas que contribuíssem para entender essa identidade brasileira por diferentes prismas, pois presume-se haver uma identidade ideal na variedade cultural dos diferentes grupos sociais e que está presente no uso efetivo da língua para a representação verbal do mundo, deste mundo particular do brasileiro.

Silveira passou, assim, a orientar pesquisas que permitiram criar um conjunto de saberes sobre a variedade cultural brasileira, os motivos fundadores dessas variedades e como tais variedades passaram a compor uma representação-tipo do brasileiro. Os resultados dessas pesquisas objetivaram construir/propor conhecimentos que auxiliassem o professor de português língua estrangeira a compreender, contextualizar e saber discutir a formação cultural dos grupos sociais que compõem a nação brasileira, cuja língua e cultura tornam-se objeto de interesse para o aprendiz estrangeiro.

Nesse contexto, algumas pesquisas, buscando construir um mosaico capaz mostrar a composição dessa unidade, passaram a ser orientadas por Silveira, algumas das quais passaremos a sintetizar a título de exemplificação.

Assim, recuperamos a concepção de Silveira sobre a questão da identidade cultural. Segundo a autora (2000), com a mudança teórica e metodológica, desde a década de 1960, para os estudos linguísticos, há a inter, multi e transdisciplinaridade, o que propiciou que esses estudos se tornassem complexos e passassem a ser definidos por prismas diversificados, mas interrelacionados. Para ela, também o termo cultura torna-se complexo e passa a conter várias definições multidisciplinares, tais como *conhecimentos partilhados socialmente, modos de vida, instrumento mediador entre seres humanos e meio ambiente, sistema de participação e interação social, conjunto de valores de um povo, conjunto de criações de uma comunidade*. (p. 10)

Para dar conta dessa complexidade, Silveira, a partir dos anos 2000, passa a tratar da noção de cultura na relação entre Discurso, Sociedade e Cognição de forma a articular



os marcos de cognição social em constante conflito com pontos de vista específico dos indivíduos. O ponto de partida é a concepção de discurso como prática social interacional expressa verbalmente por textos organizados por tipos esquemáticos nos discursos formais e institucionais. A sociedade define-se por um conjunto de grupos sociais que estão em constante conflito, em razão de suas crenças, que decorrem de conhecimentos avaliativos em relação aos fatos ocorrentes no mundo. Cada grupo social constrói suas crenças, com base em um ponto de vista, que decorre de interesses, propósitos e objetivos comuns que agrupam pessoas de modo a torná-las membros de um grupo sociocognitivo. Assim, a cognição é definida por um conjunto de conhecimentos construídos socialmente, por um ponto de vista desse grupo social; esses conhecimentos, são, portanto, opiniões, ou seja, formas de avaliação sobre o que acontece no mundo, razão pela qual, não podem ser verificáveis no mundo. (SELLAN, 2001, p. 3-4)

Do mesmo modo, com base em Silveira (1999, 2000) os conhecimentos avaliativos, as crenças, variam de grupo para grupo, mas identificam socialmente os membros de um mesmo grupo social, na medida em que há para eles um marco de cognições sociais. É evidente que tal marco deriva de uma dialética entre o individual e o social, ou seja, decorre por interação.

Para Silveira, cultura deve ser entendida como resultante de uma diversidade de marcos de cognições sociais; porém, nesta diversidade, há uma unidade que está relacionada às raízes históricas que constituem os discursos fundadores de uma nação. A diversidade cultural emana da contemporaneidade, embora haja unidade nas raízes históricas, na memória social. A cultura é definida por crenças genéricas e a ideologia, por crenças específicas, relativas aos marcos de cognição de cada grupo social.

Com base nesses pressupostos, em 2001, sob a orientação de Silveira foi realizada a pesquisa com o título “Cognição, Discurso e Sociedade: aspectos da identidade cultural do paulista e os descaminhos da Revolução de 1932. (SELLAN, 2001) A pesquisa procurou tratar da identidade cultural do paulista, considerado um grupo social regional definido pela reunião de membros cujas raízes históricas se fundam nos discursos fundadores dos portugueses, considerando que tais discursos são relativos ao Velho Mundo e que foi modificado no Novo Mundo – o Brasil, dando origem, por uma intertextualidade e uma interdiscursividade, a uma identidade cultural nacional do

brasileiro. Dessa maneira, constrói, para os brasileiros, uma Memória Social que os diferencia dos demais países de língua lusófona.

O tema dessa pesquisa foi delimitado a um fato histórico relevante para a história nacional – a Revolução de 1932. Tal fato se caracteriza por objetivos propósitos e intenções específicas do paulista, diferenciando-o dos demais grupos regionais brasileiros, em razão de seu *status* econômico e político no território nacional. As análises realizadas tiveram por materialidade textos relativos aos discursos da História, do jornalismo de Notícia e da Literatura. Considerou-se o discurso da História como institucionalizado e controlado, pelo Poder, a fim de ter acesso ao público, pela instituição Escola. Os textos da História do Brasil analisados indicaram haver conflito entre as representações avaliativas no intragrupo dos paulistas, que são constitucionalistas; já nas relações intergrupais com os paulistas, estes são representados como separatistas, antifederalistas. Esse conflito indica que, no período da Revolução Paulista de 1932, há uma representação ideológico cultural dos paulistas como um grupo diferenciados dos demais, ao qual se atribui valores conflitantes. (SELLAN, 2001, P. 222)

Já o discurso do jornalismo de Notícia foi considerado responsável pela formação da opinião pública. Os textos de notícia analisados, representados em língua, por um jornal paulistano, retratam os paulistas como um grupo social federalista, republicano e, portanto, a favor da Constituinte. Essa representação é expressa com o apoio intergrupar de outras regiões brasileiras. Trata-se de um valor ideológico, atribuído à restauração do ideal republicano em conflito com o ideal ditatorial. O ideal ditatorial é representado como salvação do Capitalismo. Os paulistas são representados, avaliativamente, de forma conflitante, pois para eles, o ideal capitalista deve vencer e eles assim agem defendendo a sua liberdade de tomar decisões para evitar as perdas econômicas e salvar o endividamento do país. A mente das pessoas que compreendem os intergrupos é controlada para avaliar a atitude dos paulistas como *separatistas* e *socialistas* e, conseqüentemente, *antifederalistas*. (SELLAN, 2001, p. 223)

Para examinar a representação do paulista na literatura, tendo como evento histórico a Revolução de 1932, foi examinado o romance *Éramos Seis*, da Senhora Leandro Dupré. Considerou-se não haver diferença entre discursos ficcionais e não-ficcionais, pois defendeu-se que não há conhecimentos factuais, mas formas de

conhecimento como representações mentais do que acontece no mundo. O resultado das análises com o discurso da literatura apontou que a família de Dona Lola, ao redor da qual toda a trama se desenvolve, não é relativa ao que existe no mundo, como algo vivenciado e experienciado pelas pessoas, de forma coletiva. Trata-se de uma metáfora literária em que a família representa a união e a cooperação de seus membros. No momento da Revolução de 1932, o poder familiar está abalado tal qual a República e os poderes oligárquicos brasileiros. Nessa metáfora, a família é uma instituição religiosa cristã e católica, cujos valores são instaurados, no Brasil, pelo discurso fundador clerical, desde a colonização. O discurso literário, caracterizado como a construção de mundos possíveis, constrói, intertextualmente, metáforas referentes à família paulista, ou paulistana, de onde irradia todo o poder político-ideológico dos paulistas. (SELLAN, 2001, p. 224)

De acordo com esses resultados, é possível identificar marcas relativas à identidade do paulista, pois, na contemporaneidade da Revolução de 1932, há uma variabilidade intra e intergrupala. Não se poderia, nesse sentido, dizer que a mesma ideologia da oligarquia privilegiada paulista, com seus poderes divididos entre o rural e o urbano, seja a mesma ideologia da atualidade. Por conseguinte, a cultura, definida por um conjunto de conhecimentos persistentes, por ter raízes históricas que guiam, em cada contemporaneidade, a flexibilidade ideológica, constrói a Memória Nacional de um povo. Esta se instaura pelo discurso como uma prática socio-interacional que articula contextos globais com locais, de forma a criar uma unidade imaginária, ideal, presente nas atitudes dos paulistas e dos demais brasileiros. (SELLAN, 2001, p. 226)

Ainda sob a orientação de Silveira, outros estudos foram realizados com o objetivo de mapear a identidade cultural do brasileiro, entre as quais, a pesquisa com o título “Língua e Discurso nas crenças culturais Sul-pantaneiras (DORSA, 2006). Essa pesquisa teve como ponto de partida que um dos aspectos culturais do homem pantaneiro sul-mato-grossense decorre de um movimento de ir e vir presente na miscelânea étnica e cultural que constrói a população do Mato Grosso do Sul, desde sua origem indígena até a atualidade com a chegada do capital estrangeiro. O capital estrangeiro tem perspectivas ideológicas de forma a estabelecer novos domínios de mentes.

A pesquisa objetivou contribuir com estudos discursivos da cultura brasileira, examinada com base em expressões verbais em textos linguísticos de letra de músicas sul-pantaneiras, correlacionas com textos de historiadores, sociólogos, etnólogos e antropólogos. Assim, buscou caracterizar o Mato Grosso do Sul como uma unidade imaginária em relação ao Mato Grosso e aos demais estados brasileiros. (DORSA, 2006, p. 16-17)

A caracterização do Sul de Mato Grosso passou a ser vista por um prisma de complexidade e diversidade cultural em razão da extensão territorial e mutabilidade da cultura. Destaca-se que o estado de Mato Grosso do Sul é novo e resultante de um produto multifacetado de influências diversas advindas de várias regiões do Brasil, além da confluência com as fronteiras da Bolívia e do Paraguai. Em razão dessas múltiplas influências, estabeleceu como hipótese que as categorias analíticas Discurso, Sociedade e Cognição estendem-se para a análise das representações mentais e linguísticas como organização de conhecimentos avaliativos e crenças culturais, que situam o movimento de Ir e Vir por grandes extensões geográficas, guiado pelas ações do homem sul pantaneiro. Esse movimento tem suas raízes históricas nas tribos nômades que habitaram a região, mas, somado às tribos sedentárias, modifica o Ir e Vir nômade, na medida em que este está presente nas ações, a fim de se retornar ao lar, avaliado como mundo mágico e sagrado do velho bugre, mito das tradições culturais locais. (DORSA, 2006. p. 17-18)

As análises das letras musicais objetivaram resgatar valores culturais presentes na enunciação de seus compositores. Os resultados não são generalizadores como a caracterização global da cultura sul-mato-grossense, na medida em que as músicas regionais, para terem acesso ao público, também são institucionalizadas pelo Poder econômico-social que controla o que produz lucro. Assim, as músicas divulgadas pela mídia não compõem o total das manifestações culturais da região, embora possibilitem diferenciar, através delas, a cultura da ideologia dos grupos dominantes e que precisa ser resgatada ainda que de forma parcial, na caracterização da cultura que representa o homem sul-mato-grossense. (DORSA, 2006.p. 228)

Os resultados obtidos por Dorsa da relação das letras musicais com os intertextos de outros discursos permitem entender de forma mais profunda a caracterização do homem pantaneiro. Os intertextos do discurso da História valorizam de forma positiva a

conquista da região pelo branco e atende à política expansionista territorial ibera. Os intertextos do discurso da Geografia atribuem valores positivos às descobertas científicas e negativos às crenças culturais mantidas na região a respeito das designações geográficas existente. Os intertextos da Etnografia atribuem valores positivos às tradições culturais, embora valorizem o “bugre” como mito cultural regional, atribuem valor positivo ao “peão boiadeiro” de forma a representa-lo com “ar de superioridade” no seu Ir e Vir, devido às suas múltiplas habilidades que contêm traços culturais herdados de seus ancestrais para planejar estratégias militares, dominar o cavalo, cumprir as tarefas da lida cotidiana com o gado. (DORSA, 2006, p. 228)

De acordo com a pesquisa desenvolvida por Dorsa, a identidade cultural do sul-mato-grossense é marcada por traços relativos à cultura popular, na medida em que o peão boiadeiro está representado, por seu trabalho, cujas raízes históricas remontam ao movimento do Ir e Vir dos canoeiros paiaguás e cavaleiros guaícurus, que constroem as novas significações para representar no “ar de superioridade” do peão boiadeiro, de forma extra grupal, uma unidade imaginária cultural referente à sua lida traçada por suas crenças do que é “destino” e guiada por suas crenças do que é “sorte”. (Dorsa, 2006, p. 230)

Outro estudo realizado, seguindo as orientações de Silveira, em busca de caracterizar a identidade cultural do brasileiro pela análise dos diferentes grupos que compõem a nação brasileira teve por título “A representação textual-discursiva do caboclo amazonense em músicas populares e lendas regionais” (OLIVEIRA e SILVA, 2019). Essa pesquisa teve por tema a representação social do caboclo amazonense em textos musicais populares e lendas, considerando que um dos aspectos culturais do caboclo amazonense se originou nos processos de miscigenação que ocorreram no país durante o período de colonização, a partir de três sujeitos distintos: o índio, o branco e o negro. Essa formação produz influências na vida, nos hábitos, nos costumes, na identidade, na representação e nos valores do caboclo amazonense. (p. 13)

De acordo com Oliveira e Silva (2019) projetos econômicos e políticos implantados na região modificaram os hábitos e costumes da região trazendo, por exemplo, a industrialização do Amazonas, com a criação da Zona Franca de Manaus. Esse modelo produtivo-comercial representou um grande marco no desenvolvimento econômico do Estado, pois, ao proporcionar uma grande demanda de mão-de-obra,

exerceu, também, uma atração surpreendente nas populações de outros Estados e nos demais municípios amazonenses economicamente estagnados e sem meios para oferecerem alternativas de melhorias das condições de vida de seus habitantes.

Assim, os impactos entre as culturas tradicionais da região e as culturas de povos de outros estados brasileiros, bem como de outros países, afetaram as aldeias, povoados, vilas e cidades, afetando, ainda, as individualidades sociais e culturais do caboclo amazonense, cuja cultura original tem suas bases na cultura indígena: rica, tradicional, singular e que, ao longo do tempo, vem perdendo suas características e internalizando outras. (OLIVEIRA e SILVA, 2019. p. 14)

A pesquisa teve por ponto de partida que toda mudança social produz mudança do discurso e vice-versa. No histórico da sociedade brasileira, o discurso político do capitalismo capitalista mercantilista, produz uma mudança social. Os colonizadores e, posteriormente, os grandes seringalistas, para obter maior lucro retirado da natureza amazônica, precisam de maior produtividade e, para tanto, a escravidão indígena foi a forma encontrada. Assim, a investigação buscou, na seleção lexical atualizada no texto, nas letras de músicas e nas lendas regionais, os papéis sociais representados por elas e os valores culturais e ideológicos contidos no contexto social, atribuídos aos caboclos amazonenses. (OLIVEIRA e SILVA, 2019. p. 15)

Como síntese dos resultados obtidos dessa investigação, as análises possibilitaram verificar a construção dos papéis sociais e seus respectivos valores, com base no espaço ocupado pelo caboclo amazonense: o caboclo amazonense e a natureza; o caboclo amazonense e a sociedade.

Na relação caboclo e natureza, os papéis sociais representados nos textos são variados, já que o caboclo funciona como parte da natureza, agindo como seu protetor e defensor da destruição do branco. O valor positivo atribuído a esses papéis decorre de sua origem indígena enaltecida pela força, bravura e pelo heroísmo. Esses papéis são representados com valores positivos culturais da miscigenação indígena do caboclo amazonense, o que o diferencia do branco invasor e destruidor. ((OLIVEIRA e SILVA, 2019. p.196)

Já na relação caboclo amazonense e sociedade, os papéis sociais do caboclo são diversos, seja como uma pessoa servil e submissa cuja cultura não se compara à cultura do branco, seja como preguiçoso, fraco, e, por isso, dominado por uma cultura que não o representa. Tal relação acaba por produzir o preconceito do branco invasor contra o caboclo amazonense. (OLIVEIRA e SILVA, 2019. p. 197)

A origem indígena do caboclo amazonense tem valor negativo, pois culturalmente os índios foram avaliados pelo branco invasor como preguiçosos, incapazes e ignorantes, uma vez que foram resistentes ao processo de escravidão e submissão, sendo considerados seres selvagens, sem alma, conforme visão registrada pelos primeiros colonizadores. O preconceito identificado nas análises dos textos, segundo Oliveira e Silva (2019), tem raízes históricas e sua reprodução o mantém vivo até esta contemporaneidade, pois o poder do invasor continua se fortalecendo com o desenvolvimento econômico do Estado, implantado, por meio de projetos que não respeitam as características singulares da região e do caboclo amazonense.

Esses resultados confirmam a reprodução da ideologia do homem branco europeu, embora haja no caboclo o desejo de lutar contra esse domínio e preservar as referências da vida dos primeiros habitantes da região, aliando o progresso da vida moderna à preservação de seu habitat natural. (2019, p.201)

Em suma:

Assim, com o objetivo de demonstrar uma pequena parte das contribuições de Silveira no âmbito dos estudos culturais como forma de solidificar a área do ensino de português língua estrangeira, foram apresentadas, a título de exemplificação, três pesquisas realizadas sob a orientação da referida pesquisadora. Essas pesquisas são significativas na medida em que conferem as hipóteses de Silveira sobre a necessidade de reformulação dos pontos de vista para o ensino de línguas, do português, tanto como língua materna quanto para estrangeiros, refletindo não apenas sobre as habilidades de falante/ouvinte, escritor/leitor, mas também sobre a apreensão e o domínio de questões que implicam uma compreensão do papel da perspectiva da interculturalidade, das representações sociais, da construção da identidade do brasileiro, isto é, das identidades.

Silveira, a partir de 2000, orientou outras pesquisas, imprimindo em cada uma o seu modo de ver marcar o crescente movimento de fixação da área de ensino de língua portuguesa língua estrangeira. Seu olhar esteve sobre no modo como o brasileiro age e reage diante de eventos discursivos que provocam o riso (NÉLO, 2011); nas formas de representação do brasileiro, na propaganda e publicidade brasileiras (RIBEIRO, 2013); na representação do feminino na música popular brasileira de autoria de Chico Buarque (PACHECO, 2014); na forma de representar o comportamento avaliativo da mídia brasileira diante dos fatos político-sociais ocorrente no contexto nacional (DE PAULA, 2017); entre outras que buscaram dar continuidade ao mapeamento das diferentes regiões ou Estados brasileiros, os quais possibilitam identificar, na diversidade cultural do brasileiro, uma unidade possível para caracterizar o “ser brasileiro”, falante expressivo do português brasileiro.

A compressão de Silveira sempre esteve voltada para a necessidade de dar uma boa formação ao profissional professor de língua, não apenas na perspectiva de língua materna, mas também e com mais ênfase, na perspectiva de língua estrangeira. Essa preocupação sempre esteve marcada pela certeza de que não bastam a esse professor conhecimentos relativos à estrutura da língua e suas regras gramaticais, textuais e discursivas. Não há dúvidas de que conhecimentos relativos a saber expressar e defender “quem é o brasileiro”, falante genuíno e expressivo do português brasileiro, aquele que expressa, em diferentes contextos e situações, a cultura específica de seu grupo social, perpassada pela cultura geral da nação, precisam ser dominados pelo professor de modo seguro. É dessa forma que esse professor se torna também defensor da cultura, dos valores e da ideologia que dão identidades aos indivíduos falantes nativos do português brasileiro.

Em síntese, as contribuições de Silveira na área do ensino de português, atuando em inúmeras perspectivas – descrição de língua, análise discurso, de linha francesa e anglo saxônica, de vertente crítica, leitura e produção textual, são inesgotáveis. Para a área do ensino de português língua estrangeira, o grande legado está na afirmação de que a cultura deve ser entendida como um conjunto de valores, hábitos e normas com raízes históricas, relativas ao vivido e experienciado socialmente pelo grupo, mas com contemporaneidade na medida em que constrói novas significações para resolver problemas novos a cada momento (Silveira, 2000). Assim, a cada momento, as novas



significações construídas na transformação dos seus alunos e orientandos, um dado cultural se manifesta e se sedimenta, pelas experiências vividas e experienciadas junto desta grande mestre. Registrar todo seu valor no espaço destinado a este artigo seria ilusório. Desse modo, deixamos, neste texto, nosso profundo reconhecimento de seu valor, cujas significações não de reverberar sempre na continuidade de seus alunos, orientandos, colegas.

#### Referências

DORSA, A. C. *Língua e Discurso nas crenças culturais Sul-pantaneiras*. 2006. **Tese** (Doutorado em Língua Portuguesa). PUC-SP, 2006.

OLIVEIRA e SILVA, S. M. *A representação textual-discursiva do caboclo amazonense em músicas populares e lendas regionais*. 2019. **Tese** (Doutorado em Língua Portuguesa) PUC-SP, 2019.

SELLAN, A. R. B. *Cognição, Discurso e Sociedade: aspectos da identidade cultural do paulista e os descaminhos da Revolução de 1932*. 2001 **Tese** (Doutorado em Língua Portuguesa). PUC-SP, 2001

SILVEIRA, R. C. P. *Identidade Cultural do brasileiro a partir de crônicas nacionais*. In: JUDICE, N. (Org.) *Português Língua Estrangeira – Leitura, produção e avaliação de texto*. Niterói: intertexto, 2000.

SILVEIRA, R. C. P. *Português Língua Estrangeira- Perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

PAULA, Debora G. de. *Estratégias da construção do escândalo no discurso jornalístico em textos multimodais*. **Tese** (Doutorado em Língua Portuguesa) PUC-SP, 2017.

NÉLO, M. J. *Discursos do risível e do riso numa visão sociocognitiva*. **Tese** (Doutorado em Língua Portuguesa) PUC-SP, 2011.

PACHECO, S. F. P. *Discurso, Cognição e Sociedade: texto e contexto na representação do feminino por Chico Buarque de Hollanda*. **Tese** (Doutorado em Língua Portuguesa) PUC-SP, 2013.

RIBEIRO, M. C. M. R. B. *A organização textual multimodal de anúncios publicitários*. **Tese** (Doutorado em Língua Portuguesa) PUC-SP, 2013.